

PROJ/PESQ: CRR, DEPE - 30/61

RELATÓRIO FINAL

Zaida Maria Costa Cavalcanti

1962

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

R E L A T Ó R I O F I N A L

1 9 6 2

Zaida Maria Costa Cavalcanti

zaida maria costa cavalcanti

Relatório Final da experiência de
Orientação Profissional realizada por
ZAIDA MARIA COSTA CAVALCANTI, no
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
DO RECIFE, no período de setembro de
1961 à julho de 1962.

Realidade e Perspectiva na Orientação Profissional

Relatório final

A experiência de Orientação Profissional não diretiva realizada no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, com alunos do Colégio Estadual de Pernambuco, por um período de 10 meses, embora sofrendo certas limitações, que analisaremos no decorrer deste relatório, foi uma experiência que reputamos altamente positiva.

As observações que ora registramos e as sugestões que apresentamos são o resultado de um trabalho sistemático e consistente com os pontos de vista em que baseamos o nosso projeto. Em nosso trabalho procuramos, antes de mais nada, fixar objetivos, baseados em conceitos bem específicos do problema a ser abordado e do método de tratá-lo.

I

Conceitos de base de trabalho

O trabalho não diretivo é um trabalho extenso em espaço e tempo. Do ponto de vista não diretivo, o fator mais importante é oferecer ao orientando o maior número possível de oportunidades de informar-se sobre as possibilidades abertas para o seu futuro, não com palestras de profissionais ouvidas esporadicamente, mas com um acervo de informações concretas que estejam à sua disposição, com possibilidades de observar e mesmo de participar de atividades profissionais e ir então, lenta e sistematicamente identificando-se e integrando-se em uma esfera profissional.

Quanto à Orientação Profissional em si

A Orientação Profissional é um tipo de atuação didática em que o aluno é atingido na sua dimensão individual e social

Vista como tal, a Orientação Profissional requer um procedimento técnico e humano profundamente vinculados à situação real do sistema educacional e à realidade social vivenciada pela comunidade naquela ocasião.

Aceitando este conceito como válido, os pontos de vista a serem considerados como primordiais no nesso trabalho são:

- a) Que o adolescente está engajado em um sistema educacional predominantemente humanístico, cuja estrutura não proporciona ao aluno os meios essenciais para a realização de uma experiência vocacional que lhe permita escolher, depois dos anos da escola secundária, qual o caminho que o conduzirá ao tipo de atividade profissional ou ocupacional que responda melhor aos seus interesses, possibilidades e aptidões.
- b) Que o adolescente está se desenvolvendo em um período de evolução da sociedade caracterizado pela luta entre padrões culturais resultantes de estruturas econômicas e relações de produção, em processo de superação e, novos padrões que vão surgindo em virtude das modificações que vêm se processando em tais estruturas e relações de produção pela dinâmica e os fatores de transformação.

A Orientação Profissional é um processo pelo qual o indivíduo adquire conhecimentos acerca de suas condições pessoais e de suas possibilidades de desempenhar uma das múltiplas atividades que a sociedade requer de cada um dos seus membros para manter o seu desenvolvimento e progresso.

Para que este conceito de Orientação Profissional não pareça unilateral e dirigido, mais para o bem da sociedade do que para o indivíduo, faz-se necessário definir aqui o que entendemos por vocação e por profissão, a fim de que fique claro que a Orientação Profissional toma em consideração ambos os aspectos.

Vocação - É a identificação percebida pelo indivíduo entre si próprio e uma determinada forma de atividade, identificação essa, alcançada mediante o conhecimento de diferentes atividades, de forma e natureza diversas, entre as quais uma é percebida como capaz de satisfazer-lhe as necessidades individuais.

Profissão - Qualquer atividade social vinculada a alguns aspectos (econômico, cultural, técnico, político, científico, etc.) do desenvolvimento e progresso da sociedade, para cujo exercício é requerido um preparo formal adquirido em estabelecimento de ensino médio ou superior.

A finalidade de todo programa de Orientação Profissional é ajudar e orientando a tornar-se uma pessoa madura, responsável socialmente, capaz de auto-determinação e, ainda, apta para ingressar com segurança na atividade, ou em progra-

mas de treino para aquela atividade que mais se adapte às suas aspirações e suas possibilidades, de maneira madura, responsável e eficiente.

Quanto à escolha profissional:

A escolha profissional é um processo que se desenvolve durante um período de tempo variável, através de experiências, vivências e motivações diversas, capazes de canalizar e fixar o interesse em um determinado tipo de atividade.

A escolha profissional tem por base:

- a) A vocação e a percepção do eu
As aptidões e as possibilidades reais do indivíduo.
- b) Os interesses dominantes e o conhecimento do ramo de atividade aspirado.
- c) Conhecimento da realidade social e econômica atual.

Quanto ao Orientador

Na Orientação Profissional o papel do Orientador é conhecer as possibilidades reais dos seus orientandos, tanto do ponto de vista das suas possibilidades individuais, como também da realidade social e econômica em que os mesmos estão situados. A partir daí, ajudar os orientandos a compreender estes mesmos fatores e a situar-se em uma posição de escolha.

Para que o Orientador consiga realizar os objetivos a que se propõe, é necessário, antes de mais nada, que ele se defina diante de si próprio, por uma linha de pensamento estável e objetiva. Que mantenha fidelidade às teorias de base a que aderiu e que não se permita concessões subjetivas, quer

em busca de soluções mais fáceis, quer para conciliações ideológicas, quer para contornar situações sinuosas. Que seja êle próprio um profissional competente, cõscio de suas responsabilidades e identificado com a profissão que escolheu. Que se ja capaz de estabelecer um ótimo "rappert" com adolescentes, de ouví-los, de compreendê-los e participar com espontaneidade de suas atividades, mantendo contudo uma posição que discretamente enuncie a presença de uma autoridade. Que seja capaz de agir democraticamente em qualquer situação, de modo que o espírito democrático e a maturidade para os procedimentos democráticos sejam assimilados pela vivência, mais do que introjetados por palavras.

Quanto aos recursos usáveis pela Orientação Profissional

- a) Informações atualizadas e sistematizadas de maneira acessível a adolescentes, acêrca das profissões e carreiras e ainda especializações de nível universitário e médio; carreiras menores, post-secundárias, para cujo exercício seja necessário, título, certificado de habilitação ou outro qualquer requisito.
- b) Monografias acêrca das profissões, campo específico, forma de atuação, posição social, mercado de trabalho etc., com relação a cada profissão em particular.
- c) Informações sôbre as condições de ingresso, preparo prévio, características dos planos de estudo, trabalhos práticos etc., referentes a cada profissão.
- d) Informações acêrca das realizações mais importantes de cada profissão ou especialização, na cidade, no Estado, no país e no mundo.

- e) Informações sobre Bolsas de Estudos, possibilidades de trabalho e estágio profissional.
- f) Guia da Universidade. ✓
- g) Estágio de observação participante em um campo profissional.
- h) Recursos audio-visuais.

cccccccc

Objetivos do Grupo Experimental

- 1) Estimulação de líderes e bem dotados
- 2) Oportunidade de pesquisar o problema na perspectiva do Orientando.
- 3) Observação dos resultados de um trabalho não diretivo.
- 4) Oportunidade de desenvolver nos Orientandos do Grupo Experimental a consciência da escolha profissional.
- 5) Oportunidade de estágio supervisionado de trabalho para grupos de adolescentes.
- 6) Demonstração de sistema de trabalho.

Hipóteses acerca do Grupo a ser usado na Experiência

O Colégio Estadual de Pernambuco seria o estabelecimento mais indicado para o recrutamento de adolescentes para um programa experimental de Orientação Profissional:

- a) pela variedade de população atendida;
- b) porque, não dispõe o colégio de um Serviço de Orientação, o pessoal recrutado pelo Grupo estaria sem nenhuma influência prévia quanto a processos e programas de Orientação Profissional;
- c) porque, pelas características sociais predominantes os critérios de escolha profissional são mais pessoais do que poder-se-ia esperar em colégios particulares;

e.a - não há a tendência de continuar a linha ou tradição profissional da família (a tendência dominante é a de ascensão no status);

e.b - o nível de aspiração é relativamente mais alto do que em colégios particulares (necessidade de um rendimento maior do que o pessoal de classe mais elevada para que seja possível superar as barreiras impostas pelas condições sociais);

e.c - maior disponibilidade de tempo de lazer para atividades relacionadas com o colégio.

Desenvolvimento do programa do Grupo Experimental

O Grupo Experimental funcionou em regime de encontros semanais. Na primeira fase do projeto, a parte central do programa foi uma série de sessões de estudo sob o título geral "Iniciação aos problemas sócio-econômicos da escolha profissional". Paralelamente a esse estudo, a dinamização do grupo foi incentivada pelo estabelecimento de grupos de trabalho de pesquisa (colaboração com a nossa pesquisa complementar). Estas sessões de estudo estenderam-se durante o período setembro-dezembro, quando após os exames escolares os membros do grupo experimental fizeram estágios de observação participante, em regime de tempo parcial, durante o período de férias, de acordo com o que fora programado para a segunda fase do projeto.

A terceira fase, correspondeu um programa de estudo de profissões específicas, através de uma tomada de conhecimento do funcionamento daquela profissão, problemas típicos e conhecimentos necessários e de um re-conhecimento de fundamentos das matérias do curso colegial na resolução daqueles problemas.

A experiência

O trabalho que nos propuzemos a realizar, foi um programa a longo prazo cuja execução incluiria pesquisa e experimentação simultaneamente e em estreita interdependência.

A porção de trabalho concluída até o momento representada, podemos dizer assim, uma testagem da forma de abordagem não diretiva à uma população brasileira e uma pré-experiência do procedimento em grupo. Somente a realização de programa idêntico em uma situação de Escola ou agência, de fato, e por um período mais dilatado poderá nos dar possibilidade de uma avaliação definitiva.

Objetivos

- 1) Atingir a um maior número de estudantes.
- 2) Estimulação de líderes e bem dotados.

PROGRAMA DE PALESTRAS PARA O GRUPO EXPERIMENTAL

- * 1. Objetivos do GE, o problema da Escolha Profissional. Organização do GE. Sistema de trabalho.
- 2. Variações sensíveis no panorama de trabalho. Aumento das oportunidades profissionais.
- 3. O Desenvolvimento do Nordeste e o aumento de oportunidades de trabalho.
- 4. Características da Sociedade Industrial.
- 5. Treino e competência como fatores de status.
- 6. Mercado de trabalho.
- 7. Competência como fator de ajustamento pessoal
- 8. Relações Humanas na Indústria e Comércio.
- 9. Racionalização do Trabalho.
- 10. Perspectivas de treino profissional no segundo ciclo.

- 3) Evitar o caráter direcional da orientação de gabinete
- 4) Sair do esquema de "testismo" e proporcionar ao orientando uma vivência extensa de sua escolha profissional
- 5) Partir de bases concretas e atuais de informação e critério de trabalho.

Área de Experimentação

A parte de experimentação e testagem de hipóteses foi feita em um grupo de alunos do 1º ano colegial, com um programa que incluiu estudos dirigidos, pesquisas, visitas a instituições e estágios de observação participante em setor profissional.

Características Gerais do Grupo Experimental

O Grupo Experimental funcionou com 20 adolescentes, alunos do primeiro ano científico, turma A, do Colégio Estadual de Pernambuco. A idéia inicial de trazermos para o G.E. apenas líderes, foi modificada para um convite feito à turma em geral, com o objetivo de tornar possível uma análise a longo prazo a) das lideranças exercidas e a sua relação com a capacidade intelectual, com o desenvolvimento do programa de Orientação e com o amadurecimento no grupo; b) de interesse pelo programa; c) Dinâmica do grupo na sua vivência fora da classe.

Características sociais

O Grupo Experimental é um grupo bastante heterogêneo sob todos os pontos de vista. Há filhos de operários, em quem se nota um ajustamento satisfatório ao colégio e uma vivência de colégio e de G.E. como um fator de ascensão. Há filhos de pequenos comerciantes, e de comerciários, cujas pretensões universitárias não se manifestam com o caráter de conquista que caracteriza o sub grupo anterior, mas sim como a linha normal a seguir. Há ainda os de classe média tendendo a superior, com o ginásio feito em colégios particulares, êstes bastante desligados da vivência de colégio e ostentando um pouco de superioridade e, um caso de menino de classe média superior, de família de universitários e membros do clero secular e de ordens religiosas, e cujo motivo de encontrá-lo no Colégio Estadual de Pernambuco tem um caráter algo punitivo, uma vez que o mesmo perdeu vários anos em colégios particulares. Êste é bastante desajustado no colégio.

Um outro caso de desajustamento é um rapaz de 24 anos, refugiado de guerra, ao que parece, também portador de inadequação sexual.

A observação constante do grupo vem mostrar uma problemática bastante diferente daquela típica do adolescente, diríamos haver mais maturidade sob alguns pontos de vista, enquanto que a frouxidão de padrões de educação e vivência doméstica e os critérios de valores particulares denotam uma volta a formas infantis de comportamento, em outra situação.

Características Sociais do G.E. - Ficha básica dos membros

Nome	Idade	Profissão dos pais	Aspirações		Observações
			Pessoais	dos pais	
Hamilton	18	Urdidor	Engenharia Filosofia G. Militar		
Ivanildo	17	Técnico de Rádios	Eng. Civil Economia Magisterio		Tem alunos parti- culares e se man- tém.
Enildo	15	Serralheiro Doméstica	Medicina	Medicina	
Horácio	15	Func. Publ. Federal	Engenharia	Engenharia	
Elmano	16	Chefe de Almoxarifado Of. Administrativo	I. T. A.	I. T. A.	
Paulo Artur	19	Comerciante Professora	Engenharia	Engenharia	
Ruy	16	Comerciário	Gadete ar	Militar	
Geraldo	19	Func. Público	Odonto	Militar	
Rafael	18	Escrivão da D.I.C.	Medicina	Medicina	
Jonas	18	Comerciário	Engenharia	Engenharia	
Israel	15	Chefe de Escoteiro	Engenharia e Anglo Ger- mânicas		Ensina particular Inglês e Matemáti- ca vai para U.S. Bolsa.
Inaldo	18	Comerciante Professora	Engenharia		
Iran	18	Contador	Medicina		
Adelmir	16	Enfermeiro	Engenharia	Medicina	
Germano	19	Motorista aposentado	Agronomia	Engenharia	
Leumar	17	Professor e Dentista	Medicina	Medicina	
Lenine	17	Comerciante	Engenharia Mecânica	Engenharia	
Günther	24	Agrônomo (Alemanha) Industriário	Engenharia e Direito		
Edilino	16	Func. Publ. Mun. (DBEP)	Geologia		
Antônio Carlos					

Características Psicológicas

O grupo como um todo apresenta nitidamente o panorama psicológico da adolescência, onde surgem como fatores o problema da família, fé e sexo. Nota-se que o problema da emancipação e de choque de adolescente-família, manifesta-se muito mais fortemente naqueles que vêm de famílias mais organizadas, particularmente as de classe mais elevada. Naqueles, onde a autoridade da família não existe ou é frouxa por natureza, as relações com a família não constituem problema. Neste ponto é interessante observar-se a atuação da vivência bilateral do colégio, - para aqueles que receberam uma formação familiar mais rígida e para quem a estrutura frouxa de CEE motiva a uma mudança para padrões de comportamento mais livre, o choque familiar apresenta-se sob forma de não aceitação, por parte dos pais, dos novos padrões de conduta assumidos pelo adolescente. Por outro lado, para aqueles cuja formação familiar é frouxa, a influência do colégio e as modificações trazidas na conduta do adolescente, são também rejeitadas, como índice de inferioridade de virilidade. Um caso típico deste problema é ilustrado por um dos membros do GE que por si, prefere ficar em casa estudando, mas que sai diariamente à noite para evitar as insinuações dos pais.

O problema de fé, em geral se situa como negação, ou acomodação. 3 dos meninos têm ponto de vista formado e agem de acordo com os seus pontos de vista - Israel é espírita e traça os seus padrões de conduta dentro de um esquema espírita e escotista. Paulo Artur é católico por convicção e praticante. Inaldo se mostra angustiado por suas dúvidas mas sem afastar-se da igreja.

Os problemas de fé, se relacionam mais com o aspecto do clero do que com a doutrina da Igreja, a qual é praticamente desconhecida.

Os problemas de sexo apenas têm-se esboçado nas reuniões sob forma de problemas de relacionamento entre rapazes e moças. Entretanto questionários feitos com adolescentes da mesma turma, mas que não são membros do GE mostraram gran-

Características Psicológicas

N O M E	COMPORTAMENTO CARACTERISTICO (até dezembro de 1961)
Hamilton	É retraído, tem idéias concretas, toma iniciativas somente no que lhe diz respeito, só realiza algo ou dá opiniões depois de algum dos colegas já o terem feito. Tem traços bem marcados de auto-suficiência e uma necessidade sensível de afirmação e ascensão de status. É pontual e embora retraído tem uma posição bem definida diante do grupo.
Ivanildo	É comunicativo, tem idéias concretas, toma iniciativas, coordena, leva um grupo a realizar, embora, pessoalmente não se preocupe com trabalhos, relatórios e outras tarefas solicitadas. Tem bastante senso prático, assimila e vibra com o que vê, com o que manipula, mas não se interessa pela Biblioteca. Dispende sempre o tempo da Biblioteca discutindo os mais variados problemas com os orientadores.
Enildo	É anarquista, disperso, irresponsável e com uma tendência bastante marcada a posse indevida do que quer que lhe agrade. É inquieto e desconfiado, constituindo um problema dentro do grupo, suas atitudes deixam pressentir problemática sexual e desajustamento. É dissimulado e, quando percebe desaprovação de sua conduta reage de maneira a mostrar que não foi atingido e imediatamente toma uma iniciativa que demonstre seriedade e acompanhamento do ritmo do grupo.
Horácio	É retraído, tem frequência bastante irregular no grupo, mas tem desempenhado bem as tarefas que lhe foram confiadas, não se sobressai particularmente em nenhum aspecto.
Elmano	Tem tido frequência bastante irregular, é dissimulado, individualista e tem mania de grandeza e idéias fantásticas.
Paulo Artur	Tem tido frequência regular. É responsável, compenetrado e aos poucos vai assumindo a liderança de pensamento do grupo. Tem família bem constituída. É repetente. Não gosta de ler.
Ruy	Frequência muito irregular, tem participação muito insignificante no grupo.
Geraldo	Frequência irregular, participação mínima no grupo.
Rafael	Frequência regular, tímido nas primeiras reuniões, foi aos poucos ganhando confiança. É responsável, toma iniciativa e executa os seus projetos, interessa-se particularmente por medicina. É o único no grupo que já está bem definido e se preparando para a carreira escolhida.
Jonas	Frequência regular, embora não seja o tipo de tomar iniciativas e responsável e executa com exatidão as tarefas e tem tido uma ótima participação no grupo.
Israel	Frequência irregular, porém com faltas justificadas. É responsável nas tarefas essenciais, mas não se detém nas sugeridas. É expansivo, ativo e estudioso. Tem o interesse bastante

de incidência de HS e masturbação. Dentro do GE apenas 2 apresentam atitudes que levantariam suspeitas.

Desenvolvimento do Trabalho

Limitações sofridas pela experiência

Sendo o programa que realizamos, um programa tipicamente experimental, com verba reduzida e contando apenas com uma coordenadora e uma auxiliar, preferimos executá-lo com um grupo pequeno de adolescentes; realizando o programa mediante acôrdo com o Colégio Estadual ou com qualquer outro, não poderíamos nos furtar ao atendimento de um número de estudantes muito maior do que poderíamos atender, dentro da nossa exiguidade de recursos e ainda, em um programa experimental. A direção do Colégio Estadual, embora demonstrando o maior interêsse pelo trabalho que pretendíamos realizar, nos vetou de imediato o uso do prédio do colégio para as atividades do Grupo Experimental, por impossibilidade real de conseguir-nos local para as reuniões, uma vez que o colégio funciona em três turnos. (O turno da manhã e da noite são masculinos e o da tarde, feminino). Aliás, preferíamos mesmo manter o Grupo Experimental mais diretamente ligado ao Centro, para que o mesmo mantivesse, durante todo o período de sua duração, o caráter de experimentação e de pesquisa.

A realização do programa fora do colégio, entretanto, trouxe diversos inconvenientes, a saber:

1. Desvinculação entre o programa de Orientação Profissional e o colégio.

Este problema deu origem a:

- a) dissociação entre a preparação formal para a escolha profissional (Objeto da Escola) e a preparação complementar (Oferecida pelo programa de Orientação Profissional)
- b) dissociação entre nós, e os adolescentes com quem lidávamos, na sua vida colegial e no seu próprio ambiente, o que seria sem dúvida mais

Características Psicológicas (continuação)

	TE dirigido para Física e Matemática.
Inaldo	Frequência regular, participação ativa no grupo. Não é muito responsável nem toma iniciativas. É impaciente, ansioso e projeta em todas as situações uma problemática típica de adolescência. O seu interesse volta-se mais para humanismo do que para técnica.
Iran	Frequência bastante irregular. Comportamento reprovável em algumas ocasiões e sempre inquieto. Não é responsável, não toma iniciativas, nem executa o que lhe foi confiado. Tem reações bastante infantis.
Adelmir	Frequência irregular, a participação no grupo é mínima.
Genaro	Frequência regular. É responsável e executa com exatidão o que lhe seja confiado. Não toma iniciativas, mas tenta co-ordenar seu sub grupo com quem trabalha.
Leumar	Frequência regular, interessado nas reuniões e nas demais atividades, mas é um pouco irresponsável. É alegre, mas se retrai quando o assunto é levado para problemas pessoais.
Lenine	Frequência regular, é retraído, não participa ativamente, mas demonstra bastante interesse e aproveitamento.
Gunther	Frequência bastante irregular, tem sido um problema dentro do grupo desde o início até agora. Tenta todos os recursos possíveis para atrair a atenção sobre si. Tem atitudes que sugerem desajustamento sexual e no seu todo, é o prototipo da juventude transviada. É refugiado de guerra.
Edilino	Frequência regular, muito interessado e responsável; tímido e ao que parece com sentimentos de inferioridade. Interessado em Geologia ou Agronomia. Apresenta grande necessidade de afirmação e dificuldade de estabelecer contatos humanos espontâneos.
Vitório	Frequência irregular. Boa participação quando está presente.; tendência a liderança.

representativo de suas condutas, necessidades, problemas e aspirações do que o contato semanal que mantínhamos com eles.

- e) dissociação entre a orientação de pensamento do corpo docente e da disciplina do colégio, predominantemente autocrática e a orientação e disciplina do Grupo Experimental, totalmente democráticas.

As observações feitas no item c nos deram oportunidade de observar fatores bem interessantes da conduta dos membros de nosso Grupo Experimental. De um modo geral a passagem de uma orientação de pensamento e disciplina para outra, não foi fácil, chegando mesmo a constituir problema para a dinâmica do grupo e retardando bastante o estabelecimento de um espírito de "Grupo-come-um-tudo". Dentre as diversas formas de reação à Orientação democrática, podemos destacar como mais representativas as seguintes:

e-1) Tendência a considerar as dirigentes do projeto como uma forma de autoridade vertical

De início todos os membros do Grupo tenderam a transferir para esta nova situação as formas de reação e os comportamentos típicos usados no colégio; as reações eram naturalmente de passividade e espera da autoridade para ordens e decisões, acompanhadas por uma sensível predisposição para reações negativas e hostis, embora dissimuladas, contra a autoridade vertical. O comportamento característico desta fase, era o de manter distância entre nós e eles, de não nos abordar senão através do líder natural da classe no colégio e ainda o de um certo desinterêsse pelos destinos do Grupo.

8

Numa fase posterior, os membros do Grupo Experimental, começaram a perceber que a orientação do Grupo era totalmente diferente daquela conhecida e vivenciada no colégio. Se alguns perceberam esta diferença como um fator que imprimia mais responsabilidade a cada um, mais liberdade de expressão e mais vinculação com o Grupo, outros perceberam apenas a ausência da autoridade sob sua forma mais conhecida de verticalidade. (1)

c-ii) Tendência a considerar as dirigentes como "censores ou fiscais"

Aquêles rapazes que entrando em conflito com a orientação democrática, não perceberam o sentido em que o Grupo Experimental se estava estruturando introduziram no Grupo formas de comportamento que eram tipicamente tentativas de averiguar o limite do clima de "permissiveness" e a forma de atualização da autoridade. Aquêles que usavam estes comportamentos e faziam por meio de anarquias, sigfismações, "aproveitar-se" de palavras e de situações, de enganar e de barlar de alguma maneira. (2)

c-iii) Tendência a considerar a disciplina do Grupo Experimental como fronha e dispersa

Somente uma pequena minoria aceitou sem conflito a orientação democrática, após vencida a fase de tomada de contato. Este sub-grupo, começando a assumir a liderança e a identificar-se mais com o Grupo, de certo modo exigia uma atuação mais definida da autoridade, para que fôsse mantida a integridade do Grupo e para garantir um melhor funcionamento dos programas. Foram êstes os que vieram a assumir a liderança do Grupo e que, ajudados por uma atenção constante de nossa parte, vieram a demonstrar bastante maturidade, compreensão, valorização e respeito aos demais, na maneira de exercer a sua liderança. (3)

- (1) Parece sentir mais auto-realização no GE do que no colégio; já por diversas vezes tem faltado aulas de colégio para realizar trabalhos de grupo... (ficha individual de Rafael - anotação referente a 5ª. reunião do GE).
- (2) O grupo está tendendo a polarizar-se em torno dos líderes de classe. Günther continua a liderar as desordens que se esboçam. Ele mais sofismático e Enilde mais disperse (Diário do GE - 4ª. reunião)
... Lenmar, Iran e Enilde formaram um grupo a parte e por várias vezes foram surpreendidos quando tentavam tirar pequenos objetos da Fábrica. Günther procurou, de maneira discreta e elaborada, levar material do laboratório... (Diário do GE - 8ª. sessão)
- (3) ... Foi discutida mais uma vez a situação dos membros relapsos na programação para o próximo ano.
... Günther parece estar se tornando mau-visto pelo grupo; ele, Enilde, Elmano e Iran. Hamilton protesta com o seu silêncio e expressão aborrecida quando Günther e Enilde iniciam a desordem; Ivanilde e Rafael reclamam abertamente e Paulo Artur chama-lhes a atenção diretamente, com modos rispides... (Diário do GE - 9ª. reunião)

2. Falta de articulação com o Serviço de Orientação Educacional

O Colégio Estadual de Pernambuco não dispõe de um Serviço de Orientação Educacional. Assim sendo, esta limitação nos estava imposta de início. Aceitamo-la conscientemente, sabendo que não poderíamos preencher a lacuna, sem detrimento de certos aspectos do nosso próprio programa; quizemos, entretanto, propositadamente auscultar até que ponto a falta de um Serviço de Orientação Educacional se faria sentir em um processo de Orientação Profissional não diretiva feita em grupo.

A conclusão a que a realidade por nós experimentada nos fez chegar é a de que é possível ao Orientador Profissional atender o orientando em seus problemas de ajustamento pessoal e escolar e, é importante que o faça - para melhorar conhecimento do indivíduo e melhor Orientação para a escolha profissional e para o trabalho -, contudo isto só será possível por uma presença mais constante junto ao adolescente e uma maior vinculação com o colégio. É necessário também que o adolescente possa dispor do orientador em ocasiões diferentes e que este, por sua vez, disponha de tempo e local acessíveis ao Orientando para atendimento individual ou em pequenos grupos, fora do horário específico dos programas de Orientação Profissional.

3. Localização da sede do Grupo Experimental em subúrbio

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, situado no subúrbio de Santo Antonio de Apipucos dista 12 km do centro da cidade. Esta zona é servida por um sistema de transporte bastante precário tanto em qualidade, co-

no em quantidade, o que torna por demais demorado o percurso da cidade até ali.

Os membros do Grupo Experimental residiam todos em outros subúrbios, igualmente, ou ainda mais distantes, sendo necessário tomar duas conduções, ou mais, para chegarem até o GRR. Se considerarmos que os rapazes que compunham o Grupo Experimental tinham aulas das 7,30 às 11,45 da manhã, que tinham de ir em casa almoçar e depois refazer o percurso para a cidade e locomoverem-se até Apipucos vemos que, para ter duas horas de reunião ou outra qualquer atividade, estes rapazes perdiam toda a tarde e ainda uma parte da noite, de vez que, saindo do GRR às 17,30 tinham ainda de gastar 45 minutos aproximadamente até a cidade (sem contar com o tempo de espera), o tempo nas filas de transporte para os seus subúrbios e o tempo consumido no retorno para as suas casas. Além da inconveniência do tempo perdido, havia ainda a despesa com transporte, grande demais para todos, particularmente para aqueles mais pobres.

Este fator distância foi contraproducente sob todos os pontos de vista, não só do ponto de vista do programa em si - bastante prejudicado na execução de atividades, na frequência dos orientandos, na comunicação entre nós e eles etc. - como também do ponto de vista pedagógico, uma vez que o Programa de Orientação Profissional estava roubando o tempo que deveria ser dedicado ao estudo e às obrigações escolares.

4. - Falta de material audio-visual e bibliográfico especializado

A falta de material audio-visual, de monografias e de publicações de divulgação em português, ao alcance de adolescentes dificultou e ao mesmo tempo limitou em muito a

profundidade e extensão do nosso trabalho. Também a dificuldade encontrada na coleta de dados informativos para uso dos orientandos prejudicou em muito a parte da pesquisa complementar destinada a fornecer ao orientando e a outros estudantes as informações mais necessárias acêrca das universidades.

É realmente um fato surpreendente que as diversas faculdades, de quem seria de esperar o maior interêsse por programas de Orientação Profissional tenham negligenciado ao operar e algumas continuam ainda sendo entrave ao andamento da pesquisa complementar desta experiência de Orientação Profissional.

5. - Época de realização de programa

Diversos imprevistos vieram quebrar a unidade e continuidade do programa que havíamos planejado em 61; assinalamos: feriados escolares decretados, greves estudantis, o período de sítio que sucedeu à renúncia do Presidente Jânio Quadros, jogos estudantis e ainda provas mensais marcadas com pouca antecedência de modo que não era possível transferir o dia das reuniões. No período de férias, usado para estágio de observação participante em campo profissional, o programa decorreu regularmente com bastante proveito para os membros do Grupo Experimental. Este ano, contudo, o programa de Orientação sofreu as maiores limitações, uma vez que dentro do novo sistema escolar decorrente da Lei de Diretrizes e Bases, tornou-se ainda mais difícil a conciliação entre as atividades do colégio e as atividades do grupo.

Fontes positivas da experiência

Até agora, muitos psicólogos que tiveram contato com a técnica Rogeriana, têm desacreditado das possibilidades de aplicação daquela técnica à população brasileira. Argumenta-se que a mentalidade brasileira ainda não está suficientemente educada para receber tal tipo de Orientação e que o temperamento latino não se satisfaz com a aparente impessoalidade do procedimento não diretivo, além de outros argumentos típicos dos que aderiram e se enraizaram nos procedimentos diretivos. Parece-nos, entretanto, que os aparentes fracassos sofridos nas diversas tentativas de aplicação da técnica não diretiva no Brasil, prendem-se mais à maneira de aplicação da técnica, do que a fatores culturais. Em geral, pelo menos até onde tivemos ocasião de observar, as tentativas de aplicação da técnica não diretiva têm partido de um certo "parti pris". Seja por um conhecimento pouco aprofundado da técnica em si, seja por falta de uma identificação genuína com ela, seja por características emocionais pessoais, procura-se introduzi-la aos poucos, permeada com outros procedimentos tipicamente diretivos. Dêste modo, ficam cortadas de imediato tôdas as possibilidades de averiguação da aplicabilidade da técnica, bem como as de confirmar ou negar a sua validade.

Na experiência que realizamos, seguimos à risca os princípios da teoria não diretiva e os procedimentos ditados por Carl Rogers e testados sob diversas formas em populações americanas e, chegamos a conclusões bastante animadoras.

Em certos aspectos, poder-se-ia objetar que o nosso trabalho poderia ter rendido mais, ou apresentar resultados mais "auto-evidentes", tais resultados, entretanto, só poderiam ter surgido, se, nos desviando do espírito inicial

da experiência - a averiguação das possibilidades de aplicação da técnica não diretiva ao processos de Orientação Profissional - tivéssemos nos voltado para aspectos característicos da Orientação Individual ou da Orientação Educacional, como solução para certos problemas que, temos consciência, interferiram com o nosso trabalho. Escolhemos como hipótese de trabalho a testagem da técnica e nos mantivemos nesta linha até o fim, sem contudo perder de vista o indivíduo, centro e foco de atenção de todo o processo não diretivo.

São pontos importantes a salientar como resultados:

1. A ausência total de processos de transferência ou dependência por parte dos membros do Grupo Experimental no decorrer da experiência

Enquanto para os Orientadores radicados no pensamento psicanalista, o processo de transferência, o uso de mecanismos de transferência e a neurose de transferência são fatores intimamente ligados a todo o relacionamento existente em situações que envolvam um cliente, para os Orientadores não diretivos o problema se põe de maneira diametralmente oposta. Na posição não diretiva o estabelecimento de transferência não somente não é preconizado, como é desencorajado desde o início, pela própria atitude do Orientador.

Antes, porém, de descermos ao caso particular do nosso Grupo Experimental, tomemos como ponto de partida a definição clássica do que seja a transferência, definição esta dada por S. Freud, criador do termo e primeiro preconizador do uso de tal fenômeno como implemento do tratamento psicanalítico.

"By transference is meant a striking peculiarity of neurotics. They develop toward their physician emotional relations, both of an affectionate and hostile character, which are not based upon the actual situation but are derived

from their relations toward their parents (Oedipus complex). Transference is a proof of the fact that adults have not overcome their former childish dependence; it coincides with the force which has been named "suggestion"; and it is only by learning to make use of it that the physician is enabled to induce the patient to overcome his internal resistences and do away with his repressions. Thus psychoanalytic treatment acts as a second education of the adult, as a correction to his education as a child." (Britannica nº 66 pag. 674).

Parece-nos correto afirmar que a diferença entre a transferência como vista pelo pensamento psicanalista e pela linha não diretiva reside no fato de que, enquanto o psicanalista percebe as atitudes de transferência como o início de uma determinada forma de relacionamento, o Orientador não diretivo as percebe como atitudes pertinentes ao contexto da experiência atual do cliente, a serem recebidas, compreendidas e aceitas, sem nenhum sentido de estabelecimento de uma relação de duração.

No caso da nossa experiência, se tomarmos o termo transferência na acepção psicanalista, podemos dizer que não houve formação de processo de transferência por parte de nenhum dos membros do nosso Grupo Experimental. O tipo de relacionamento criado no processo não diretivo, leva o indivíduo à formação do hábito de expressão livre e espontânea, que pode denotar afeição, gratidão e outros sentimentos positivos algumas vezes, denotando em outras ocasiões sentimentos negativos de hostilidade, aborrecimento ou ressentimento, sentimentos estes que são ou foram em alguma época também dirigidos à autoridade parental, mas que nem por isso podem ser considerados como formas de transferência.

2. Modificação no auto-conceito, por parte dos membros do Grupo Experimental, notando-se um aumento sensível do sentido de dignidade pessoal, auto-confiança e senso de responsabilidade, bem como uma direcção mais positivos dos mecanismos de auto-afirmação (1)

Vimos, na parte referente às limitações sofridas pela experiência, que houve um certo conflito, por parte dos membros, quanto à liberdade de expressão, clima de aceitação e "approach" sempre positivo que lhes estavam sendo oferecidos. Vimos também como esta atitude inicial se foi diferenciando e tornando-se madura, responsável e democrática. Aqui duas das hipóteses de Rogers confirmaram-se: primeiro a de que o indivíduo apresenta uma resistência de base ao relacionamento do tipo não diretivo, uma vez que o procedimento não diretivo não responde às necessidades expressas pelo indivíduo de receber apoio, diretrizes, conselhos ou sugestões que venham a solucionar o seu problema; segundo, a de que o indivíduo só começa a tirar real proveito da Orientação não diretiva quando ele percebe a responsabilidade que é sua, diante de sua própria vida.

Somente quando o indivíduo percebe que é responsável por si próprio, ele é capaz de avaliar esta responsabilidade e fazer uso dela. No caso de nesse Grupo Experimental, esta percepção surgiu lentamente em cada membro, sendo de notar que a medida em que os membros individualmente foram progredindo na auto-responsabilidade o espírito de "grupo-como-um-todo" passou a existir, substituindo o espírito de "turma" (agrupamento). A partir daí começaram a surgir as decisões tomadas pelo grupo (2) a proteção à integridade (3) de mesmo e as decisões pessoais tomadas com segurança e argumentadas com convicção.

A percepção da auto-responsabilidade conduziu também a um maior "insight" nos próprios problemas, conceitos e atitudes. Confirmando outra vez a hipótese de Rogers, foi um fato a observar o de que o "insight" traz à tona as inconsistências e limitações do próprio "eu", portanto dando uma nova

- (1) ... insistindo em negar a sua timidez anterior, sempre que há oportunidade direta ou indireta ... (Ficha individual de Hamilton - 5ª reunião 1962)
- ... tem acentuado cada vez mais a sua nova atitude, aceita melhor a opinião dos outros, trata-os sem aquela superioridade característica e se expressa com mais franqueza e ponderação (Ficha individual de Paulo Artur - 7ª. reunião - 1962.)
- (2) ... Com o estabelecimento da diretoria e do conselho, veio a idéia dos estatutos e a sua rápida execução... (3ª reunião de 1962)
- "As coordenadoras terão direito a "veto" ou sugestões; não gozaram porém do direito de voto" . (estatutos do GE)
- (3) ... concluíram pela eliminação de Günther, "porque é irresponsável," e de Enildo "porque não tem maturidade para nada sério" e dos que foram reprovados. (1ª. reunião de 1962).

visão do eu, em que certas modificações se impõem como necessárias para que este "eu" se mantenha e atualize.

Neste ponto surgiram os maiores problemas do Grupo e nesta ocasião houve deserções. Cumpre salientar que nos casos de deserção, a decisão de abandonar o Grupo foi tomada individualmente e em todos os casos comunicada oficialmente e argumentada (1). As deserções verificadas corresponderam exatamente àqueles membros que apresentavam comportamento problema ou desvios mais acentuados de personalidade. Estes casos necessitariam atendimento individual paralelamente à Orientação Profissional. É interessante observar que os próprios rapazes sentiram necessidade deste atendimento e nos procuraram algumas vezes por iniciativa própria; entretanto, diversos fatores, como sejam, a distância, a despesa de transportes, o caráter de exceção e a falta de um ambiente apropriado desencorajavam-nos a manter regularidade nas entrevistas individuais. Por outro lado, eles próprios perceberam o crescimento de uma certa diferença entre a sua própria forma de participação na vida do grupo e a maneira como os demais estavam fazendo o seu ajustamento e, por iniciativa própria preferiram afastar-se.

Com relação aos que permaneceram no Grupo, nos parece que a percepção do caráter da Experiência, totalmente novo e diferente de suas vivências anteriores, encorajou-os a permanecer no grupo, mesmo se este não correspondia às suas expectativas em algumas ocasiões, ou mesmo, com as dificuldades com que contávamos para a realização de todos os programas.

Certos comportamentos surgidos, individualmente, em sub-grupos ou em grupos, pareciam ser, tipicamente, tentativas de modificação e, porque eram tentativas, eram de certo modo inconsistentes e oscilantes, assumindo gradativamente uma forma mais estruturada e definitiva à medida que eram percebidos como capazes de satisfazer às necessidades de manutenção ou de re-organização do próprio "eu".

À medida que estas novas formas de comportamento se foram consolidando, era possível notar-se um aumento sensível da auto-confiança e formas mais maduras de auto-afirmação. (2)

(1) ... Edilino e Lenine decidiram deixar o GE. Conversaram bastante sobre os motivos de sua decisão - o motivo econômico, o problema de terem de trabalhar este ano e Edilino disse claramente que não se sentia bem no GE (3ª. reunião - 1962)

... Crê que o Rearmamento Moral responde muito melhor às suas aspirações atuais, o problema da profissão ele considera superado uma vez que está absolutamente certo de que fará Engenharia. (Diário do GE - março de 1962).

(2) ... a sua reação aos elogios que lhe foram feitos foi de completa indiferença, nem mesmo fez menção de abrir o pacote de livros (recompensa pelo ótimo estágio realizado) e só o fez por insistência de Paulo Artur... ao final da reunião estava alegre e expansivo como nunca. (Ficha individual de Hamilton - 1ª. reunião de 1962).

... Hoje, outra vez, Hamilton perturbou por completo a sessão de estudo dirigido... A sua atitude agora é exatamente o oposto da timidez inicial... Pela primeira vez ele não protestou contra a sua indicação pelo outro, para fazer alguma coisa e parece bastante satisfeito com o seu cargo de secretário (Ficha individual de Hamilton - 5ª. reunião - 1962).

Parece-nos que as modificações que tiveram lugar no auto-conceito dos adolescentes do nosso Grupo Experimental podem ser sumarizadas da seguinte maneira:

1. O indivíduo passa a perceber-se como uma pessoa mais ajustada, mais capaz e com maiores possibilidades diante da vida e, ainda, consciente de uma dignidade pessoal que lhe é inerente.
2. Ele atinge a uma maneira mais objetiva de "approach" de si próprio, de suas relações e de seu ambiente.
3. Ele tende a assumir padrões de julgamento de si próprio e dos demais, baseados em maior compreensão e objetividade.

3. Modificações de atitudes tipicamente neurotizadas para atitudes espontâneas e ajustadas

No início do Grupo Experimental, dois dentre os membros do Grupo se mostraram marcadamente inibidos e retraídos. Estes emprestavam às reuniões, aparentemente, apenas a presença e nas demais atividades, não compareciam; embora não se negassem formalmente a fazer os relatórios que eram solicitados, faziam-nos, traziam-nos para as reuniões, porém não os entregavam; se por acaso algo os desagradava, este desagrado não era expresso. Um dos dois adotou, durante algum tempo, a ausência, como forma de expressão do seu desagrado. Este último procurou-nos algumas vezes fora do horário de reuniões do grupo, enquanto o primeiro, sempre pontual às reuniões do Grupo, só em fase posterior, e para conversas gerais veio nos procurar particularmente.

Ambos, ao final da experiência com o Grupo Experimental demonstravam um comportamento espontâneo, harmonioso e ajustado.

Nestes dois casos como nos demais foram encontrados certos traços característicos que poderiam ser sumariados da seguinte maneira:

- a) Modificação do comportamento no sentido de transição de formas menos maduras para formas mais maduras. (1)
- b) Decréscimo da tensão psicológica evidenciadas pelo comportamento verbal. (2)
- c) Decréscimo dos comportamentos de auto-defesa. (3)
- d) Aumento da tolerância a frustrações.
- e) Maior expansividade e espontaneidade com relação aos planos de vida.
- f) Melhor rendimento escolar.
- g) Melhor ajustamento individual nas diferentes situações vitais.

4. Surgimento espontâneo, tanto em grupo como individualmente, de certos aspectos típicos da entrevista individual dos processos de Orientação

A entrevista individual tem sido sempre o centro de todos os processos de Orientação. No Brasil, mesmo nas clínicas e gabinetes escolares onde supostamente segue-se a linha não diretiva a entrevista individual ainda não cedeu lugar a critérios menos imediatos, porém mais espontâneos de abordagem dos problemas individuais. Mesmo nos casos de Orientação em grupo ainda não se confiou o suficiente na capacidade do método de grupo e se busca na entrevista individual uma complementação imediata para o trabalho de grupo propriamente dito.

No caso do Grupo Experimental, não encorajamos, nem também desencorajamos as entrevistas individuais. Em nenhuma ocasião as convocamos, quando porém surgiram espontaneamente, procurávamos atender da melhor maneira possível, observando aí também as recomendações do método não diretivo. Foram poucas, entretanto, as entrevistas individuais; em parte porque só uns poucos dentre os membros de fato necessitavam de

- (1) É sensível o esforço feito por Paulo Artur para atenuar suas críticas e para compreender melhor os motivos e maneiras dos demais (Diário do GE - maio de 1962)

Pouco a pouco Ivanildo tem melhorado a sua forma de liderança. Já percebeu que não pode dividir-se tanto e que as exceções, de que ele tanto gostava, não são justificáveis. (Diário do GE - abril de 1962)

- (2) ... parece que se sente bem na sua nova forma de comportamento, o que é mais ou menos um meio termo entre o silêncio que o caracterizava e a loquacidade excessiva do início do ano. A nova modalidade está durando e afirmando-se sensivelmente desde que surgiu a primeira namorada (Diário do GE - junho de 1962)

- (3) ... os próprios colegas notavam o comportamento de auto-defesa de Paulo Artur; comentando as atividades do GE no ano passado Jonas disse: "No ano passado Paulo parece que vivia numa trincheira querendo atirar em todo mundo"... (Diário do GE - abril de 1962).

atendimento individual e perceberam esta necessidade e, em parte pelas dificuldades mencionadas anteriormente neste relatório.

Tanto em grupo como individualmente, prescindimos dos roteiros de entrevistas, refoamos o impulso natural de ajudar o indivíduo a expressar-se pelos meios mais usados, freando também a vontade de possuir, pelo menos, um esquema geral de conhecimento do indivíduo em que basear as nossas atitudes com relação a ele, que as informações viessem natural e espontaneamente. (1)

Os pontos da teoria Rogeriana em que baseamos as nossas atitudes com referência a entrevistas foram os seguintes:

- a) O papel do Orientador junto ao cliente é ajudá-lo a reconhecer e clarificar os seus próprios sentimentos e emoções

Este conceito, significativo e representativo de que seja o cerne das hipóteses Rogerianas, pode parecer, à primeira vista, algo diretivo e, pode também ser totalmente distorcido se não for baseado na filosofia que é básica na teoria de Rogers - a de respeito total ao cliente e à sua capacidade de auto-determinação.

Dêste conceito decorre um outro igualmente importante:

- b) A inflexão de voz do Orientador determina em grande parte a sua atitude interior frente ao cliente

A Orientação não diretiva não é, de modo algum, um meio sutil de conduzir o indivíduo, levando-o a crer que é ele próprio quem está se conduzindo. Para alcançar os seus objetivos, é necessário que o Orientador esteja interiormente genuinamente identificado com o sistema de trabalho que escolheu, que o seu comportamento verbal seja coerente com a sua atitude interior e, particularmente, que esta atitude interior seja real e totalmente assimilada. Para que a atuação do Orientador seja real e efetiva

(1) ... Pela 3ª. vez, esta semana, Edilino me procurou aqui no Centro. Há algo que deseja expressar, mas que não consegue trazer à tona. Tem trazido problemas de matemática para fazê-los comigo e a ajuda que vem pedir para os seus trabalhos escolares, termina sempre em uma longa conversa cujo tema é, invariavelmente, a injustiça social. (Ficha individual de Edilino - novembro de 1961).

Edilino me pareceu angustiado, desistiu definitivamente do estágio com o Prof. Rand... aceitou o cigarro que lhe ofereci (pela primeira vez fumou na minha presença); fumou em silêncio e saiu bruscamente. (Ficha individual de Edilino - dezembro de 1961).

Não veio à reunião de Natal... pouco à pouco passou a aplicar as suas afirmações sobre a sociedade a seu próprio caso, as humilhações que tem sofrido por causa de sua cor, da falta de dentes, da roupa humilde, da falta de dinheiro, do seu tipo físico "de carregador de doces" (sic) e incompatível com um status universitário, da humilhação que sente quando, carregando madeiras e peças com o pai, encontra professores e colegas. (Ficha individual de Edilino - dezembro de 1962).

va junto ao cliente, é necessário que o Orientador descarte totalmente a preocupação com o diagnóstico clínico (o que é particularmente difícil quando o Orientador é hábil e seguro em diagnósticos); que descarte também a tendência de fazer avaliações clínicas, prognósticos e particularmente, que consiga refrear a tentação de guiar o indivíduo, concentrando-se totalmente na sua função como Orientador - a de dar ao cliente compreensão e aceitação total das atitudes conscientes do cliente naquela ocasião e acompanhá-lo passo à passo nas áreas em que o cliente fôr enveredando. Para tanto faz-se mister que o Orientador perceba o quadro interno de referência do cliente (internal frame of reference), que perceba o mundo como o cliente o percebe e que perceba o cliente do mesmo modo como ele se percebe a si próprio. Neste ponto, a participação do Orientador no processo, torna-se uma experiência ativa com o cliente, dos sentimentos e emoções que o mesmo expressa, no momento exato em que ele os expressa. Sobre este ponto, Rogers diz: "... the Counselor makes a maximum effort to get under the skin of the person with whom he is communicating, he tries to get WITHIN and to live the attitudes expressed instead of observing them, to catch every nuance of their changing nature, in a word, to absorb completely in the attitudes of the other". Porque, apesar da identificação genuína com os sentimentos e emoções do cliente, o Orientador permanece ele próprio, com o seu próprio quadro interno de referência; esta compreensão e aceitação não são espontâneas, mas sim adquiridas através de uma atenção contínua e ativa para os sentimentos e emoções do outro.

Neste ponto, a inflexão da voz tem a maior importância, de vez que é o comportamento verbal o instrumento mais efetivo de que o Orientador dispõe para transmitir-se ao cliente.

- e) Quando o Orientador percebe e aceita o indivíduo como ele é, quando abandonando a avaliação clínica, ele penetra no campo perceptual de referência do cliente, ele é liberta para a exploração de suas próprias vivências e para a percepção nas próprias experiências, de novas significadas e de novos objetivos

Poder-se-ia objetar aqui, que, de um certo modo o Orientador é responsável pelo cliente e que, dando-lhe a responsabilidade total pelas próprias escolhas, o Orientador estará estimulando ou sendo conivente e, como tal, responsável por uma possível escolha de direção que seja prejudicial ao cliente, a-social ou imoral.

Aqui, outra vez, entra em cena a filosofia básica do Orientador não diretivo - a crença total na capacidade do indivíduo de estruturar-se de maneira positiva e construtiva. Se o Orientador é capaz de resistir ao seu próprio impulso de guiar, freiar ou conduzir o indivíduo, ele verá que o impulso vital para a preservação, integridade e objetivos construtivos é muito mais forte do que o seu oposto.

Evolução do processo de Escolha Profissional

Nome	Preferência inicial	Preferência atual
Hamilton	Engenharia, Filosofia, Militar	Engenharia
Ivanildo	Engenharia, Economia, Magistério	Economia
Enildo (sain)	Medicina	_____
Horácio	Engenharia	Engenharia
Elmano	I. T. A.	I. T. A.
Paulo Artur	Engenharia	Engenharia
Ray	Gadete de ar	Engenharia
Geraldo (sain)	Odontologia	_____
Rafael	Medicina	Medicina
Jonas	Engenharia	Engenharia
Israel	Engenharia e Anglo Germânicas	Física
Inaldo	Engenharia	Engenharia
Iran (sain)	Medicina	_____
Adelmir (sain)	Medicina	_____
Germano	Agronomia	Engenharia
Leumar (sain)	Medicina	_____
Lenine (sain)	Engenharia	_____
Gunther	Engenharia e Direito	_____
Edilino (sain)	Geologia	_____
Moacir (sain)	História Natural	_____
Pedro	Medicina ou Engenharia	Medicina

Como resultado da nossa Experiência de Orientação Profissional damos algumas sugestões para a montagem de um Serviço de Orientação Profissional financiado pelo poder público e à funcionar em moldes de Agência.

Funcionamento do Serviço de Orientação Profissional

1. O SOP funcionará como complementação de Serviço de Orientação Educacional, com que manterá estreito contato. Entretanto, a sua vinculação maior será com as Diretorias Colegiais de Estudante, isto para que o Serviço se inicie e permaneça como atividade de interesse dos próprios estudantes, manipulados por eles e sob a responsabilidade de um órgão estudantil.

A escolha do Diretório como ponto central de vinculação do serviço, servirá a diversos objetivos, tais como:

- a) Dar aos diretórios colegiais uma área de atuação mais útil e educativa, do que eles tem tido até agora.
- b) Educação da responsabilidade e retidão das reivindicações.
- c) Desenvolver o hábito de coordenação, cooperação e uso de outros serviços e recursos.
- d) Desenvolver o hábito de procedimentos democráticos.

2. O agrupamento dos colégios que irão compor cada Unidade de Orientação será feita pelo critério de localização dos colégios para a orientação em classes terminais do 1º ciclo, ou por predominância (técnico, saúde, liberal, etc.) para

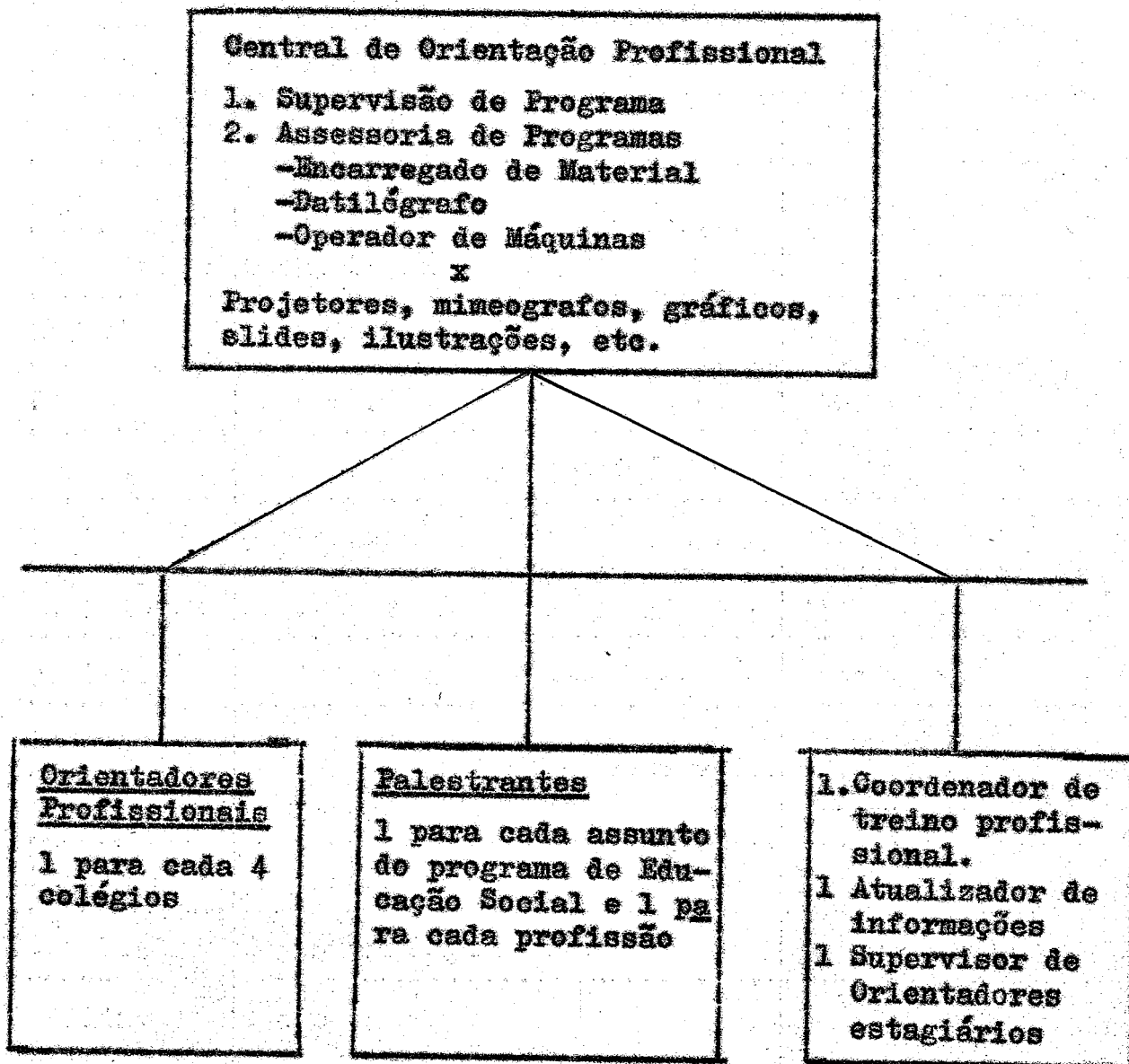
as classes iniciais do 2º ciclo e para o colégio universitário

3. Qualquer colégio poderá inscrever-se para o programa mediante conhecimento e aceitação das diretrizes e condições do SOP, sendo o entressamento feito, de preferência, pelo órgão estudantil que arcará com a colaboração do colégio, com as taxas de programa .

4. Haverá uma taxa mensal de participação de cada colégio, sem outras despesas além desta, para gozar de todas as facilidades oferecidas pelo programa.

Sugestão para a Montagem de um Serviço de
Orientação Profissional de tipo "Agência"
financiado pelo Poder Público

Montagem de um Serviço Central
Pessoal Mínimo



Programa Mensal por instituição

Atividades de Grupo

<p style="text-align: right;">1</p> <p>Introdução aos problemas sócio-econômicos da Escolha Profissional</p> <p>A B C D</p>	<p style="text-align: right;">2</p> <p>Estudo de uma profissão. Palestra, debate</p> <p>per colégio.</p>
<p style="text-align: right;">4</p> <p>Visita a instituição por grupos de interêsse</p> <p>A B C D</p>	<p style="text-align: right;">3</p> <p>Estudo dirigido trabalho socializado teste de transferência de aprendiza gem.</p> <p>Reuniões deliberativas ou outra atividade socializante.</p>

Atribuições de pessoal

Pessoal Técnico

1. Coordenador Geral de Programas

Assessor Geral de Programas

Tempo integral

- 1a. - Treinamento, Orientação e Assistência ao pessoal técnico
- 1b. - Direção Executiva
- 1c. - Contatos periódicos com a direção dos colégios e com os Serviços de Orientação Educacional dos colégios.

1.1 - O Coordenador Geral de Programas e o seu Assessor serão pessoas especializadas em Orientação Profissional, sem que sejam necessariamente orientadores educacionais e de preferência que não o sejam para que não haja a tendência de fazer transposição de técnicas típicas da Orientação Educacional para o terreno da Orientação Profissional.

1.2 - O Coordenador Geral de Programas e o seu Assessor serão remunerados pela Instituição que mantiver o programa.

2. Orientadores Colegiais - 20 horas por semanas

- 2a. - Coordenação dos programas colegiais
- 2b. - Contato permanente entre o Colégio e a Central
- 2c. - Atendimento individual e contato com o Serviço de Orientação Educacional colegiais.

2.1 - Os orientadores colegiais serão pessoas treinadas para a função pela Central, podendo ser recrutados entre assistentes sociais, estudantes de Orientação

Educacional, ou mesmo estudantes de Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia que demonstrem interesse pelo problema de trabalho e que demonstrem aptidões para o tipo de trabalho que lhe será confiado.

2.2 - Os orientadores serão remunerados pela verba do Projeto, com salário equivalente ao de estagiários de outras instituições.

00000000



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Em 27 de novembro de 1962.

Senhor Diretor:

Foi encaminhado a este Instituto pelo Diretor substituto do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife o trabalho - "Realidade e perspectiva na orientação profissional", de Zaide Maria Costa Cavalcante.

Trata-se de relato de trabalho de orientação profissional, realizado com 21 alunos do Colégio Estadual de Pernambuco (1º ano científico, Turma A), num período de 10 meses.

Foi utilizada a técnica não diretiva de Rogers, em que se dá o máximo de atuação ao indivíduo na escolha a realizar.

O trabalho contém observações interessantes, a respeito da evolução psicológica realizada pelos adolescentes, atribuídas pela autora ao tipo de atividades de cunho democrático de que participaram.

A autora julga ter encontrado confirmação de duas hipóteses de Rogers - a de que "o indivíduo apresenta uma resistência de base do relacionamento do tipo não diretivo, uma vez que o procedimento não diretivo não responde às necessidades expressas pelo indivíduo de receber apoio, diretrizes, conselhos, ou sugestões que venham a solucionar seu problema", e a de que "o indivíduo só começa a tirar real proveito de orientação não diretiva quando ele percebe a responsabilidade, que é sua, diante de sua própria vida".

Os resultados alcançados são sumariados pela autora do trabalho: de 21 adolescentes que participaram do trabalho 9 (43%) o abandonaram em meio, 6 (28%) mantiveram, no final do mesmo, a escolha profissional que haviam feito de início, 3 (14%), que hesitaram inicialmente entre 3 escolhas, decidiram-se por 1 e apenas 3 fizeram escolhas diversas das iniciais, ao final (1 de Cadete do Ar e 1 de Agronomia para Engenheiro e 1 de Engenharia e Anglo-Germânicas para Física).



Informa a autora que "As deserções verificadas correspondem exatamente àqueles membros que apresentavam comportamentos - problema ou desvios mais acentuados de personalidade" e acrescenta : "Estes casos necessitariam atendimento individual paralelamente à orientação profissional".

Não é claro se as escolhas feitas correspondem à capacidade intelectual e ao preparo dos participantes da experiência, mas acreditamos, pelo que é dito sobre a técnica empregada, que não. Como o orientador não influe sobre os adolescentes e o trabalho todo é realizado em grupo, acreditamos que isso não seja levado em conta, o que pode conduzir a uma causa de erro no trabalho de orientação.

Narra-se, por exemplo, o caso de um rapaz humilde cujo o pai é serralheiro e descrito como "anarquista, disperso, irresponsável e com uma tendência bastante marcada à posse indevida do que lhe agrada " etc. e que escolheu como carreira a medicina (escolha inicial mantida).

Outro - Edilino - "muito interessante e responsável" (pág. 12), tímido, com uma enorme necessidade de afirmação, deixa o grupo, dizendo que não se sentia bem aí. Pouco antes os colegas haviam decidido expulsar dois elementos do grupo, o que foi feito, e talvez tenha influenciado nessa decisão.

A A. termina com um plano de criação de um serviço oficial para cuidar do problema, em que haveria um orientador por cada 4 colégios (não há referência ao número de alunos a estudar). Há referências, em relatórios e planos anteriores, à criação desse serviço no CRPE, o que não parece ser o projeto atual, uma vez que a autora faz várias observações sobre os inconvenientes criados para a experiência, pela localização do Centro.

Acreditamos que o trabalho a desenvolver seja mais difícil que o plano feito parece supor, uma vez que a A. observa que, para ser bem feito, requer orientação vital, nos casos em que a ajuda é justamente mais necessário.

Creemos que, havendo orientadores nas escolas secundárias, a eles deveria caber o trabalho referido, sem o que haveria uma duplicidade de atuação que pode ter efeitos negativos. A própria autora acentua as dificuldades decorrentes do fato de não se fazer o trabalho no próprio local da escola, o que a seu ver deve ser responsável por parte das deserções verificadas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

- 3 -

Acreditamos de interêsse a divulgação do trabalho pelo CRPE entre orientadores educacionais, por meio de seminários.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Lúcia M. Pinheiro', written in a cursive style.

Lúcia Marques Pinheiro
Diretora da DAM

Parecer sobre o relatório relativo ao andamento da pesquisa CRR-5-DPR-3/57

Sr, Diretor

De acordo com instruções que me foram dadas pelo professor Moreira de Sa, submeto à consideração de V. S. o seguinte:

1- Pela terceira vez recebemos relatório correspondente ao projeto acima etiquetado, de responsabilidade da professora Insnar Cabral de Moura, que se propôs "construir programas adaptados às necessidades de cultura e integração social da *Escola no meio". A pesquisadora informa ter concluído o trabalho de elaboração de todos os programas, bem como sua distribuição, e cessão feita para o da quinta série. Outrossim informa haver distribuído dois cadernos de questionários, destinados respectivamente às regentes de classes e às autoridades escolares. Ainda acompanha o relatório um folheto de "Orientação didática ao magistério para o ano de 1958", no qual estão inclusos dois roteiros de pesquisa sobre as condições físicas e culturais dos municípios e bairros, pesquisas que devem ser feitas pelas próprias crianças das escolas.

Desta forma o volume de trabalho apresentado pela professora Insnar de Moura supera o que foi apresentado por ocasião do relatório passado.

2- Tem servido de base ao seu trabalho, na execução do projeto, "Uma experiência de Elaboração de Provas Objetivas", publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Pernambuco, em que se enfeixam questões inspiradas e programas antigos, quando provavelmente ainda não cogitava, a autora, da construção dos programas pra visados.

Pode-se mesmo observar que o programa experimental elaborado para a 1ª série, traz a sua "apresentação" datada de "Rio de Janeiro, 15 de março de 1957".

Quer-nos parecer que a autora estava então preocupada com o "desbastamento" do antigo programa de ensino primário em Pernambuco, segundo diretrizes expostas em seu trabalho "Seis anos de verificação do rendimento escolar em Pernambuco", no qual a autora mostra que as questões submetidas às crianças nos exames não eram devidamente escalonadas. Essa crítica de provas finais talvez não dê à pesquisadora subsídios bastantes para a tarefa de construção de novos programas em função de sua adequação ao regional.

3- Até que ponto tem a pesquisadora consciência de que esse alvo não é o mesmo anteriormente visado? Não sabemos. Em todo caso ela parece estar procurando os passos necessários no sentido de passar de um objetivo para outro.

O fato é que, de um modo geral, está faltando nos programas agora apresentados sentido regional. Os testes de escolaridades - de Linguagem, Aritmética, História, Geografia e Ciências Naturais, de caráter muito teóricos e gerais, não atendem àquêle "ajustamento ao meio", àquêle interesse pelas necessidades da região a que a pesquisadora faz referências. Só muito de longe e raramente há referências às culturas locais, às fábricas, às casas de farinha, aos engenhos, à falta d'agua, às estiagens (tão comuns no Nordeste), aos rios que secam, às barragens, aos retirantes, aos flagelados, às endemias, a bons usos e costumes (moral, civismo), à proteção das árvores e animais, às roças e pequenas criações à erosão, etc.

4--Dissemos acima que a autora parece assoberbada por dois objetivos. Essa impressão de ausência de clara discriminação entre dois fins parece-nos apontar novamente no fascículo, acima referido, intitulado "Orientação didática ao magistério primário para o ano de 1958", item d ("pesquisa"), onde se diz:

Prosseguindo no propósito de levar o professorado primário de Pernambuco a dar ao programa de Ciências Sociais e Naturais um sentido funcional, assim como de obter informações seguras a respeito das condições físico-sociais dos municípios e localidades em que se situam a escola e aluno, continuaremos em 1959 a recolher do magistério em função, nas segunda e terceira séries, as informações pedidas nos questionários anexos, comunicando que, somente em outubro, deverão ser prestados os informes através de formulário a ser distribuído."

Mais uma vez esclarecemos, porém, que as investigações em torno da história e do ambiente local deixam de ter valor, se demonstram ter sido feitas por adultos e, não como a própria metodologia das matérias em foco e a natureza do trabalho pedido recomendam, isto é, pelas próprias crianças e sob a orientação da regente da classe," etc.

Quer-mos parecer que uma coisa seria pesquisa visando colher subsídios para a referida "funcionalização" dos programas, e outra coisa a motivação pedagógica sob forma de pesquisa a ser feita pelos próprios alunos.

5- Com a bateria de testes organizada com vistas à promoção dos escolares pernambucanos não conseguirá a autora coligir dados para a construção de programas ligados ao destino de nossa gente. Esse é um ponto decisivo. A elaboração de programas experimentais (a partir da base muito limitada da preocupação com as provas finais), não é o ponto terminal da pesquisa. E, por outro lado, seria precisa, antes, mostrar em que os programas antigos se afastavam do objetivo de integração com as necessidades da região, e compará-los com os agora propostos.

Convém observar, neste tópico, que, juntamente com a distribuição dos dois questionários referidos no início deste parecer, começa-se propriamente a dinamizar a pesquisa, no sentido de testar e comparar o alcance dos programas propostos em caráter experimental. Conforme diz a apresentação do Inquérito nº 1, que acompanha o relatório, somente com essa colheita de informações é que os "Programas Experimentais" serão

transformáveis em "Programas Oficiais".

Mas, como as respostas a êsses questionários só deverão ser enviadas em outubro próximo (fl. 9 do questionário)., conclúe-se que dificilmente poderá a pesquisa ser encerrada no fim dêste ano, como fôra planejado, ma vez que a pesquisadora deve ainda fazer a apuração dessas respostas.

7- Além disso os programas devem estar sendo aplicados, no momento, em tôdas as unidades escolares de Pernambuco, e os resultados só serão colhidos através das provas finais organizadas no Instituto de Pesquisa Pedagógicas. Será isso suficientemente para concluir-se sôbre a validade da adaptação dos programas às "necessidades de cultura e integração social da escola no meio"?

O regional está talvez um tanto esquecido no trabalho em tela. Ou pelo menos, que a pesquisadora não tem sabido pôr em evidência, e destacar de outros aspectos, o aspecto que nos interessa no seu trabalho de muitas faces à frente do Instituto de Pesquisas Pedagógicas, que é o relativo à adaptação do programa às peculiaridades regionais.

Esse, sr. Diretor, o parecer que submetemos ao julgamento de V. S. solicitando ainda que dêle seja enviada cópia à professora Isnar de Moura

Recife, 19 de Julho de 1958

a) Carlos Frederico Maciel